



IGREJA DE N. S. DO
ROSÁRIO DE POMBAL:
UMA LEITURA ICONOGRÁFICA

JOSÉ AUGUSTO DE MORAES



JOSÉ AUGUSTO DE MORAES



Nasceu em Teresina, PI, em dezembro de 1949, graduado em Administração pela Universidade Federal da Paraíba e Pós-Graduação em Arte e Cultura Barroca na Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais.

Atividades Desenvolvidas

- Ministrou palestras dentro do Programa de Agentes Culturais da PRAC/FUNESC, em vários municípios paraibanos com os temas Arte Popular, Artesanato e Patrimônio Cultural.
- Ministrou curso como instrutor no SENAC/PB para preparação de agentes de turismo.
- Coordenou o setor de bolsa/estágio da PRAC.
- Foi Diretor Executivo do Centro Cultural de São Francisco
- Atualmente Coordena o NUPPO - Núcleo de Cultura Popular UFPB/PRAC.

JOSÉ AUGUSTO DE MORAES

IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE POMBAL
(Leitura Iconográfica)

João Pessoa - Paraíba
1994

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Reitor

NEROALDO PONTES DE AZEVEDO

Vice-Reitor

ROBERTO SILVA DE SIQUEIRA

EDITORA UNIVERSITÁRIA

Diretor

JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES

Vice-Diretor

SILVANO ALVES BEZERRA DA SILVA

Divisão Administrativa

JOSÉ LUIZ DA SILVA

Divisão de Editoração

MARINÉSIO PEIXOTO BATISTA

Secretário

ALMIR CORREIA DE VASCONCELOS JUNIOR

CONSELHO EDITORIAL

BRENO MACHADO GRISI

JOSÉ CÉSAR DOS SANTOS

JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES (presidente)

MANOEL ALEXANDRE CAVALCANTE BELO

SÉRGIO DANTAS CARNEIRO

SILVANO ALVES BEZERRA DA SILVA

7.04 Moraes. José Augusto de
M827i Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal.
João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1994.
53 p.

1. Iconografia - 2. Igreja de Nossa Senhora do
Rosário de Pombal - 3. Escritores Paraibanos I. Título

DEDICATÓRIA

- **À memória do meu Pai.**
- **À Irmandade do Rosário dos Pretos de Pombal**

AGRADECIMENTOS

- Prof^o Neroaldo Pontes de Azevedo

Reitor da UFPB

- Prof^o José Octávio de Arruda Mello

Prof^o do Departamento de História

- Prof^o Ivaldo Nóbrega de Medeiros

- Luiz Barbosa Neto

- Antonio Felismino de Souza

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Pombal.

- E a todos que colaboraram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

- Pesquisa Histórica e Arte em José Augusto	6
- Introdução	9
- Histórico	10
- Arquitetura da Igreja	11
- Planta da Igreja	16
- Retábulos	17
- Retábulo Colateral Lado do Evangelho	19
- Retábulo Colateral Lado da Epístola	22
- Batistério	22
- Sacristia	23
- Púlpito	25
- Capela do Santíssimo Sacramento	27
- Imaginária	29
- Conclusão	40
- Notas	42
- Glossário	43
- Bibliografia	46
- Anexos	47

**PESQUISA HISTÓRICA E ARTE
RELIGIOSA EM JOSÉ AUGUSTO***

José Octávio()**

Desde o cônego Florentino Barbosa, cujo clássico **Monumentos Históricos e Artísticos da Paraíba** (1953) clama por reedição, nossos historiadores atentaram para o significado das Igrejas na formação da Paraíba.

À margem abordagens jornalísticas de Octacílio Queiroz, nomes como Humberto Nóbrega, cuja **Arte Colonial da Paraíba** (1974) recebeu a colaboração de Rafael Mororó, Osvaldo Meira Trigueiro, Roberto Benjamim, Glauce Navarro Burity, Simone Queiroga, Wilson Seixas, Wellington Aguiar e Tancredo Torres, detiveram-se sobre os templos religiosos da Paraíba cuja importância relaciona-se com colocação de José Honório Rodrigues: "Igreja e Exército - sem essas forças não se pode compreender a História do Brasil".

Ultimamente, a orientação provinda de Foustel de Coulanges em **A Cidade Antiga** viu-se fecundada pela contribuição do grande historiador da arte pernambucana José Luiz da Mota Menezes, na verdade a matriz das exposições de Nivaldson Miranda e estudos como "Igreja e Igrejas na Expansão Setecentista da Paraíba". Este último, de minha autoria e inserido na coletânea **A Paraíba das Origens à Urbanização** (1983) caracteriza-se pela função das Igrejas na ocupação da terra, linha retomada por Aécio Aquino em ensaio para o número vinte e cinco da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (1991).

Essas considerações conduzem a José Augusto de Moraes como autor desta monografia, sob todos os títulos oportuna - igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal (Leitura Iconográfica).

José Augusto é meu colega de trabalho na Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da Universidade Federal da Paraíba a cuja Coordenação de Cursos e programas de Extensão (COPREX) e Forum Universitário cheguei pela mão do Reitor Antônio Sobrinho, em dezembro de 1988.

de | Quando ali ingressei, verifiquei a predominância de concepção estática e Extensão com que logo procurei romper - a de que a Extensão Universitária se processa por trás dos birôs, e no máximo, nos limites dos campi universitários. Ora, sempre entendi que Extensão constitui atividade inseparável do outro, isto é, o município, o clube de serviço, a insti-

tuição cultural, o poder representativo, a associação comunitária. Data daí meu entendimento de que a Extensão é a rua para aonde a Universidade deve caminhar em busca de si mesma.

Na PRAC, um dos técnicos que melhor destilam esse pensamento é José Augusto Moraes. Tão inquieto quanto leal e consciente, Augusto também se distingue pela disponibilidade que se manifestou em exposições montadas no Maranhão e hall da Reitoria, quanto em participações nos cursos de Agentes Culturais de Cajazeiras e João Pessoa, sem falar no trabalho do Centro Cultural de São Francisco que a liderança do padre Ernando Teixeira de Carvalho tem convertido, com a colaboração de Edvanda Cândido de Oliveira, em verdadeira Pastoral da Cultural.

Subordinado a esses princípios de uma Extensão que não se fecha, para vivenciação pelo povo, Augusto de Moraes recriou com igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal (Leitura Iconográfica) uma das páginas mais representativas da História da Arte na Paraíba, justamente aquela aberta para a conquista do sertão.

Com o efeito, o arraial de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó, depois freguesia e vila de Pombal, tornou-se a antecâmara dessa ocupação de que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário fez-se símbolo que atravessou os séculos.

A José Augusto de Moraes não falta essa percepção, datando daí como esse templo é “A Casa que viaja no tempo”, confundindo-se com a matança dos índios dos primeiros tempos, a cargo dos “cruéis bandeirantes”. Penetração da economia escravista do algodão que gerou sua absorção pela confraria do Rosário dos Pretos. E, enfim, o rico folclore dos Congos o Pontões, assinalado pela fusão sincrética do catolicismo português com as manifestações afro dos negros e escravos.

Na parte mais substanciosa de seu estudo, José Augusto envereda pela arquitetura da Igreja de N. S. do Rosário que deixou de ser matriz de Pombal sem qualquer capitis-diminutio para representatividade artística que a converte num dos mais importantes monumentos barrocos do sertão da Paraíba.

Reconhecendo essas virtualidades, Igreja de Nossa Senhora do Rosário ocupa-se de sua fachada, torre, nave, cruzeiro, retábulo, altares, batistério, sacristia, púlpito, capela do Santíssimo Sacramento e Imaginária, recorrendo a técnica recomendada por Bóris Kossoy que aqui introduziu com Coretos no Cotidiano de uma Cidade - Lazer e Classes Sociais na Capital da Paraíba (1990). Trata-se de uma obra dessa feição, intercalar as fotografias com o texto e não incorporá-las ao final do corpus.

A conclusão segundo a qual “Os jesuítas foram os responsáveis pe-

las construções das Igrejas e capelas do interior, onde se encarregaram da catequese dos silvícolas” arremata essa monografia com a qual na fusão da arte religiosa com o sertanismo, se delineia um novo veio para a História da Paraíba.

(*) Prefácio à monografia **Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal (Leitura Iconográfica)** de José Augusto de Moraes.

(**) Historiador paraibano, integrante do Conselho Estadual de Cultura e autor de **A Revolução Estatizada - Um Estudo sobre a formação do Centralismo em 30** (1984).

INTRODUÇÃO

A arte brasileira teve o seu maior apogeu nas construções religiosas, em toda a costa do Brasil, como também no interior. A Paraíba possui um rico acervo da arte barroca e rococó em João Pessoa, e alguns exemplares em outras regiões do Estado.

Sendo o nosso trabalho voltado para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, faremos uma análise iconográfica, detalhando a arquitetura, os retábulos imaginária e pinturas nela existentes.

Sobre a Igreja em epígrafe, bastante citada por historiadores paraibanos, não encontramos nenhum trabalho em cima de uma leitura mais aprofundada em detalhes, motivo pelo qual nos propomos a escrever este pequeno trabalho dando, assim, nossa contribuição à história da arte em nosso Estado.

HISTÓRICO

Pombal cidade situada no sertão paraibano, a 370 Km da capital, foi conquistada pelo português Teodósio de Oliveira Ledo e seus irmãos, com a ajuda da casa da Torre* e silvículas da tribo pegas, com a finalidade da criação de gado e agricultura.

A sua primeira denominação foi Arraial de Piranhas, passando à vila em 1768, com a denominação de Pombal, homenageando o Marquês de Pombal, Ministro de D. José I, Rei de Portugal.

Elevada à cidade no dia 21 de julho de 1862, pela Lei nº 68, foi o primeiro município do sertão paraibano. Rica em tradições populares, no decorrer de todos esses anos se encontram firmes, não deixando morrer no seio de seu povo o que de mais rico se pode conservar, o folclore, como os congos, os negros dos pontões e o Reisado, são autênticos grupos de danças de origem africana. Os integrantes são membros da Irmandade do Rosário dos Pretos, Irmandade esta que há mais de um século mantém viva a tradição e segue oficialmente o seu regimento.

Todos os anos, no 1º domingo de outubro, é realizada a festa do Rosário, onde podemos ver os grupos folclóricos se apresentarem, tanto na igreja, como também nas praças da cidade.

Hoje, a cidade de Pombal, em pleno progresso, é, sem dúvida, um dos municípios do sertão em que o povo mantém seu acervo cultural, como as igrejas e casario conservados, para que as gerações futuras vejam o que ficou dos seus antepassados.

ARQUITETURA DA IGREJA

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal constitui o marco da colonização do sertão, construída em pedra e cal em 1721, dedicada à Nossa Senhora do Bom Sucesso, padroeira da freguesia, para substituir “uma capelinha de taipa e palha de 1701 que servia de casa e oração”.*

Passando o oratório para Nossa Senhora do Rosário em 1897, com a transferência para a nova matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso.

A fachada é bastante simples. No frontispício, encontramos a porta principal em madeira almofadada, com vergas em cantaria, encimada por duas janelas em madeira com vergas também em cantaria e um nicho em arco pleno vazio, onde deveria haver uma imagem.

Possui duas colunas de sustentação, coroadas por pináculos; a cimalha arremata a parte superior, recebendo o frontão ondulado, onde está uma tarja com a data da construção da igreja, o mesmo encimado pelo acrotério que sustenta uma cruz em madeira.

Ao lado direito está localizada a torre sineira, dividida em duas partes, pela cimalha do frontispício que dá continuidade, fazendo o acabamento até as partes lateral e posterior, passando pelas colunas que servem de estrutura da torre, uma janela na mesma simetria das outras duas do frontispício.

Após a cimalha, a outra parte da torre, onde estão localizados os sinos, as colunas dão continuidade às inferiores, coroadas por pináculos nas extremidades; uma cimalha dá o acabamento, dando, assim, uma harmonia ao conjunto, a cobertura em abóbada de berço encimada por um pináculo.

Em cada lado da parte superior da torre, quatro aberturas em arco pleno, decoradas por duas colunas lisas apoiada por uma bacia terminando na cimalha, formando um capitel liso.

Atrás do frontispício e da torre sineira, vem o corpo da igreja, composto por nave única, capela-mor e sacristia. Ao lado da torre, um corredor lateral com quatro portas abertas para a rua. Do lado esquerdo, encontramos uma saliência, que é capela do S. Sacramento, com tratamento semelhante à igreja, isto é, colunas, cimalthas, pináculos e cobertura. Após a capela, encontra-se uma sala que fica paralela à sacristia, com uma porta e duas janelas abrindo para a rua. (fotos 1, 2 e 3).

(*)SOUZA, Antonio José de.



Foto 1 - Fachada principal da Igreja de N. S. do Rosário de Pombal.



Foto 2 - Parte posterior da Igreja

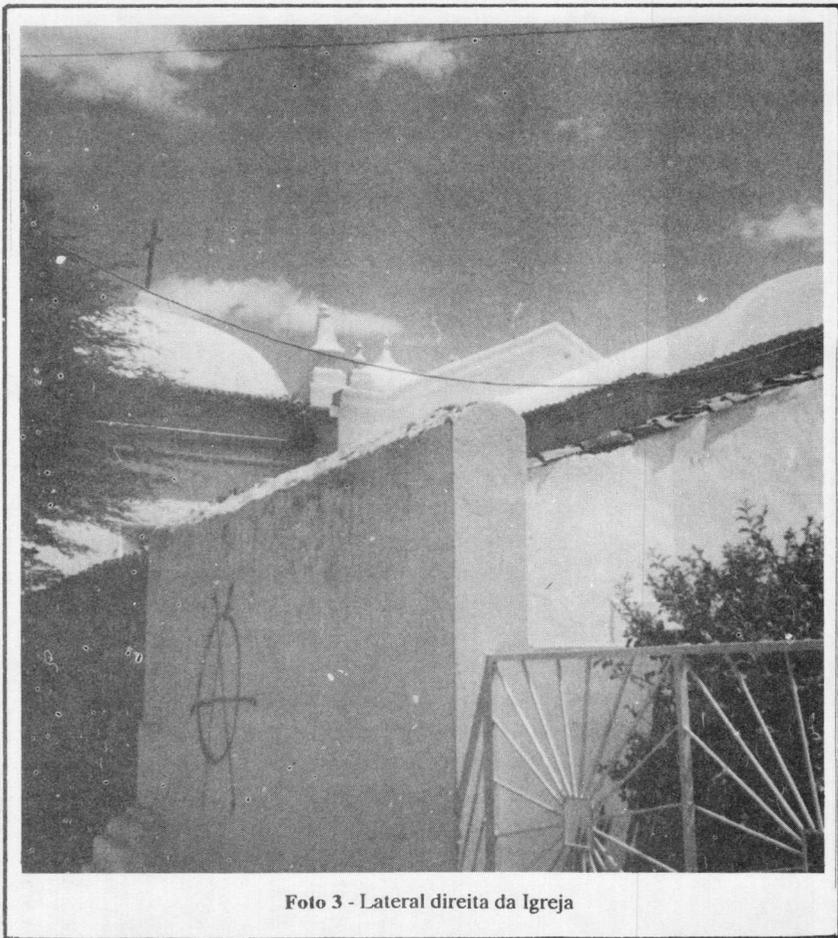


Foto 3 - Lateral direita da Igreja

A nave não possui forro, aparecendo toda a estrutura de madeira da cobertura e as telhas aparentes.

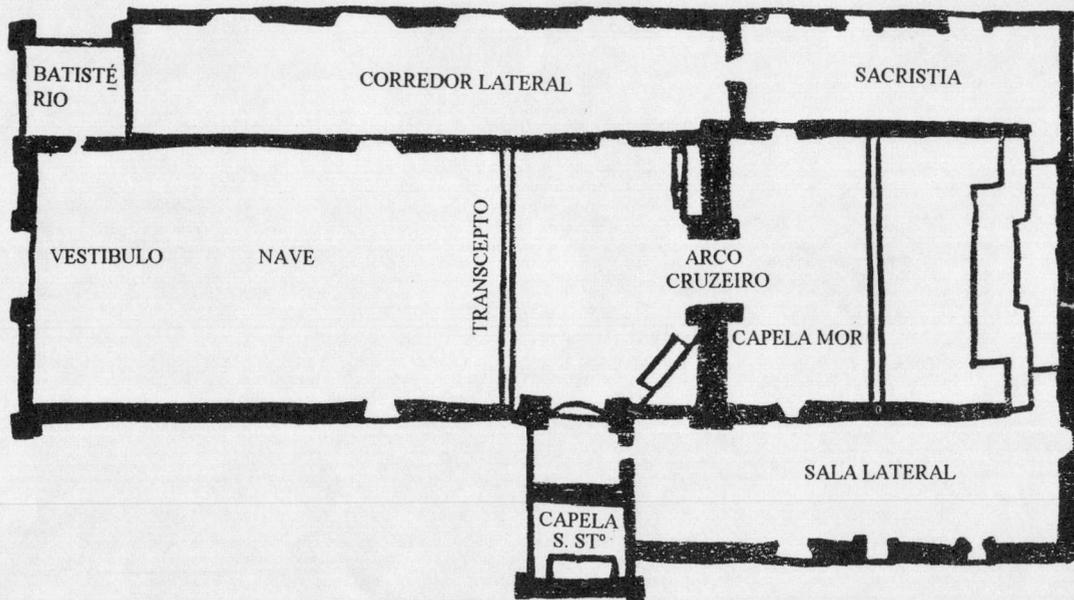
O piso de toda a igreja, apresenta-se em estado original, executado em tijoleira de barro.

Em frente à igreja, encontramos um cruzeiro, bastante simples, com o pedestal em pedra e cal, que serve de base para uma cruz de madeira. (Foto 4).



Foto 4 - Cruzeiro em frente à Igreja

Planta da Igreja N. S. do Rosário de Pombal



RETÁBULOS

Em toda igreja existem retábulos, que são estruturas ornamentais, executados em madeira, pedra ou alvenaria, localizados em elevação na parte posterior do altar.

No Brasil, os retábulos obedecem à ordem tipológica e estilística, seguindo os moldes de Portugal. Em pequeno número, encontramos os estilos maneiristas com características do final do século XVI. Como por exemplo, temos a Igreja Jesuíta de Olinda. O Nacional Português é considerado a 1ª fase do barroco; o D. João V. 2ª fase; e o estilo rococó, a 3ª fase. Já no século XIX, o estilo predominante é o neoclássico.

Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal, existem três retábulos: o mor e dois colaterais.

O retábulo principal está localizado na capela-mor, executado em madeira. A parte estrutural é composta de quatro colunas torsas, enroladas com guirlandas de flores, dois cartelões decorados com elementos entalhados em forma de volutas, uma mísula em cada lado onde se encontram as imagens de São Bento, São Domingos ou São Gonçalo.

O coroamento é composto de elementos decorativos em forma de volutas:

- No centro, um dorsel com lambrequins.
- No camarim, existe um trono com três degraus, encimada por um dorsel; sobre a banqueta, três nichos; o do meio, mais alto acima do sacrário, dois ladeando o central firmado sobre a banqueta.
- O altar tem a frente trabalhada com elementos em relevo. Este retábulo em talha rústica, pintado em branco e douramento nos relevos, está enquadrado no estilo D. João V (Foto 5)



Foto 5 - Retábulo-Mor

RETÁBULO COLATERAL LADO DO EVANGELHO

Este retábulo no estilo D. João V, dedicado a São Miguel, é composto por entablamento com volutas entalhadas de fino labor, contrastando com as colunas torsas enroladas por elementos fitomorfos e quartelões com figuras de puts, rusticamente trabalhadas. O camarim, onde se encontra a imagem de São Miguel. No arco, ao invés de uma tarja, encontramos uma figura de cocá com características indígenas. Lá estão também figuras que representam querubins em número de três, e o altar também trabalhado, compõe toda essa estrutura, encaixada entre colunas lisas com pinturas marmorizadas, coroado por baldaquim. Este, infelizmente, teve de ser retirado pois corria risco de ruir, e o encontramos em uma sala superior da igreja, esperando uma restauração para voltar ao seu lugar de origem (Foto 6).



Foto 6 - Retábulo colateral direito

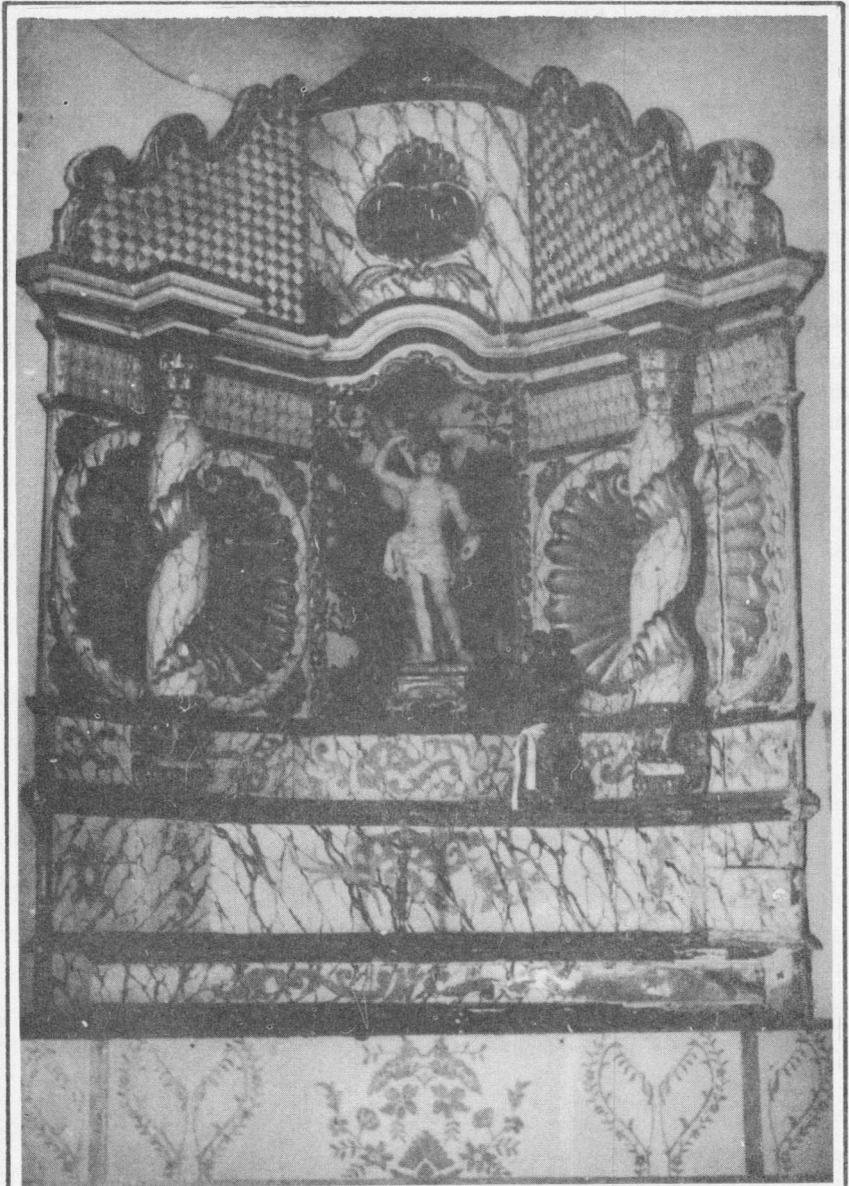


Foto 7 - Retábulo colateral izquierdo



Foto 8 - Tela relativa ao Batismo de Jesus Cristo, localizada no Batistério.

RETÁBULO COLATERAL, LADO DA EPÍSTOLA

Dedicado a São Benedito, este retábulo, bastante diferente dos outros existentes na igreja, está localizado no ângulo de 90°, de difícil leitura.

Executado em madeira, com policromia imitando mármore e douramento. No centro, o nicho com fundo pintado de branco com ramagens coloridas, os lados lembrando cartelão com duas grandes conchas douradas, onde vemos a frente duas colunas torsas enroladas com elementos escultóricos não comuns nesse tipo de coluna, geralmente são elementos fitomorfos; acima uma cimalha que sustenta o coroamento; no centro, em forma de cone decorado por uma tarja, fechando os lados por elementos em forma de xadrez branco e dourado, com acabamento sinuoso nas bordas a banquetas em madeira pintada em marmorizado em tons branco, vermelho e verde, com elementos escultóricos dourados, a mesa do altar bastante simples.

Apesar de feita popular se enquadra dentro do estilo rococó (Foto 7).

BATISTÉRIO

No vestíbulo, encontramos o batistério, fechado por uma grade em arco, semelhante a grade da capela do Santíssimo Sacramento. Lá existe uma pintura em tampo sobre madeira, com característica popular, de autor anônimo, representando o batismo de Jesus Cristo (Foto 8).

SACRISTIA

Localizada ao lado do evangelho, é bastante simples. Possui um lavabo esculpido na parede em pedra, com duas pequenas gárgulas (torneiras), e a pia também em pedra, encontrando-se hoje pintada de marrom.

O arcaz em madeira de lei é também muito simples, com três gavetões e uma parte em armário (Fotos 9 e 10).



Foto 9 - Lavabo da Sacristia

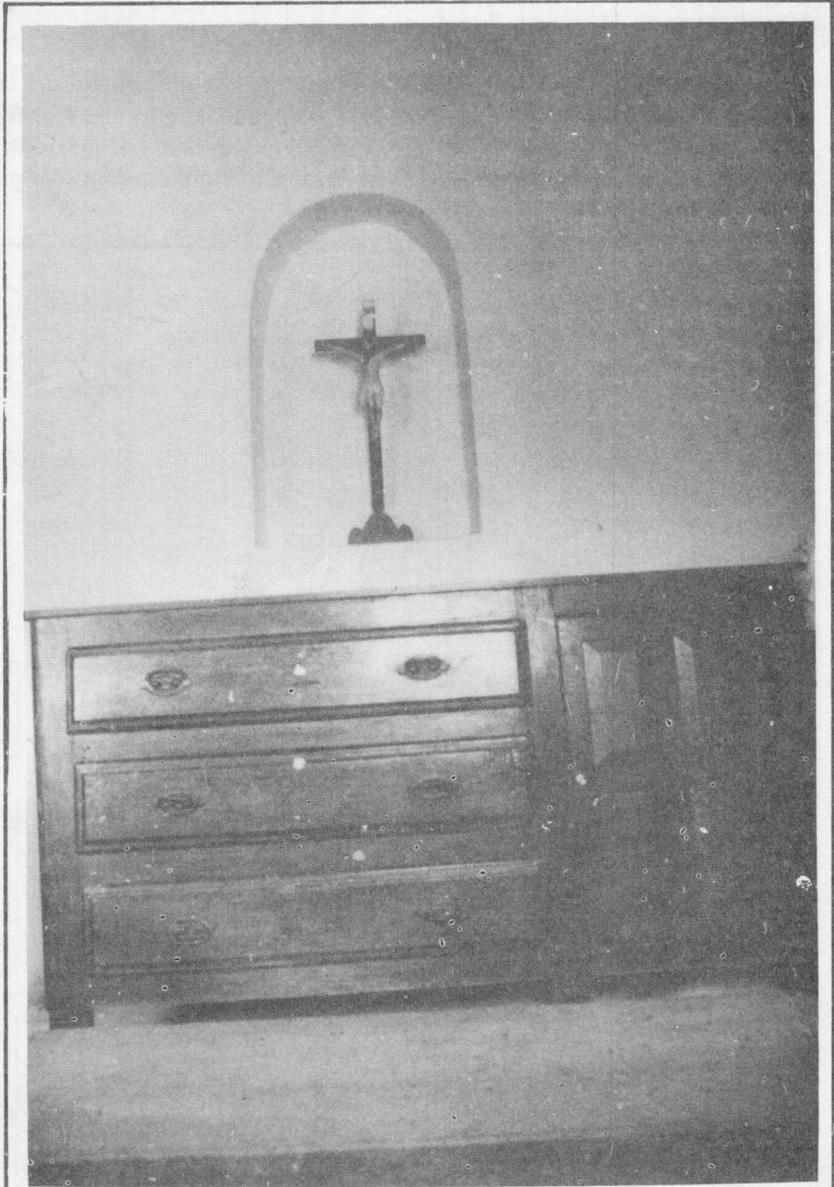


Foto 10 - Arca da Sacristia

PÚLPITO

Localizado ao lado do evangelho, na parede lateral da nave central, o púlpito executado em madeira, com pinturas marmorizadas em tons verde, vermelho, branco e douramentos nas rocailas e frisos.

Composto de três faces, no centro de cada encontramos cartelas com inscrições latinas, emolduradas por rocailas douradas, a taça dando continuidade à tribuna, sustentada por um elemento em pedra em forma de mísula. A porta que dá acesso ao mesmo, também com pintura marmorizada, encimada por uma sanefa composta por lambrequins e coroada por elementos escultóricos onde vemos duas cartelas, também com inscrições latinas (Gráfico 1).

Portanto, o púlpito da igreja de Nossa Senhora do Rosário é bastante harmonioso na sua composição, de fino labor artístico, caracterizando bem o estilo rococó (Foto 11).

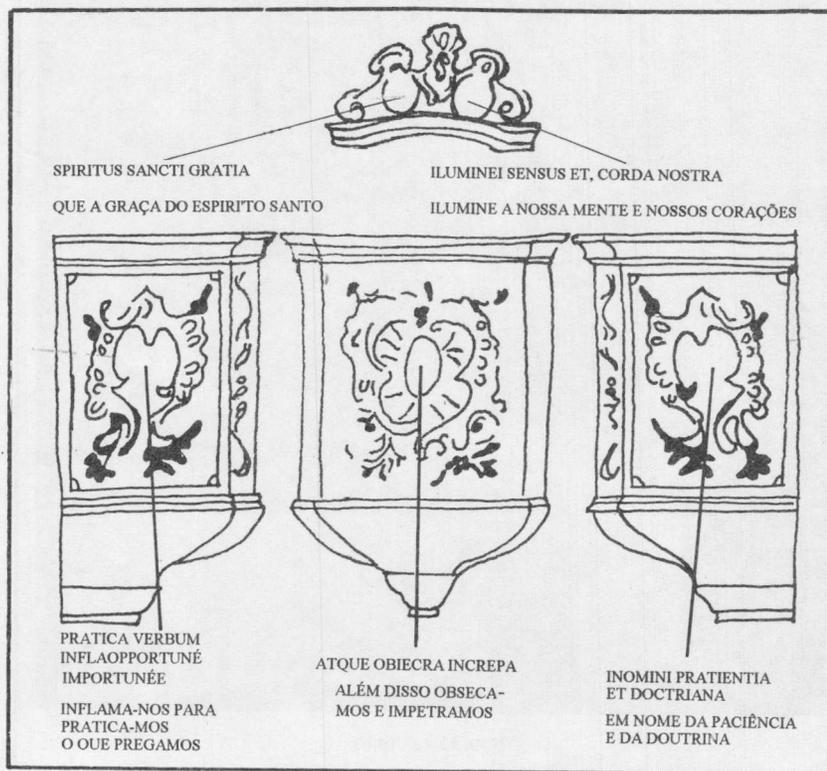




Foto 11 - Púlpito

CAPELA DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Localizada na nave, ao lado da epístola, a Capela do Santíssimo Sacramento, separada por um arco cruzeiro revestido em madeira, com pintura marmorizada em tons azul, branco e vermelho, completando esse conjunto por uma grade com elementos torneados bastante harmônicos, no fechamento do arco pleno completado por elementos escultóricos de fino labor.

No interior, encontramos um pequeno retábulo, com talha em madeira dourada, em forma de volutas e folhas de acanto, dando idéia de coluna encimada por vasos de flores, também em madeira dourada. Esses elementos são simétricos. No meio, encontramos uma moldura em madeira, pintada de branco, com frisos dourados, que sustenta uma pintura em têmpera sobre a madeira, representando a Santa Ceia, iembrando a arte do barroco italiano, de autor anônimo, possivelmente do século XVIII.

A moldura é coroada por uma tarja com elementos escultóricos em madeira dourada, onde vemos o cálice com a hóstia consagrada, simbolizando o Santíssimo Sacramento.

A parte inferior do retábulo é em madeira pintada de branco, com detalhes em retângulos e quadrados, como se fossem molduras douradas.

A mesa do altar, em madeira, também é pintada de branco sobre a decoração desta Capela, bastante interessante, podemos dizer que é uma transição do barroco D. João V para o rococó (Foto 12).

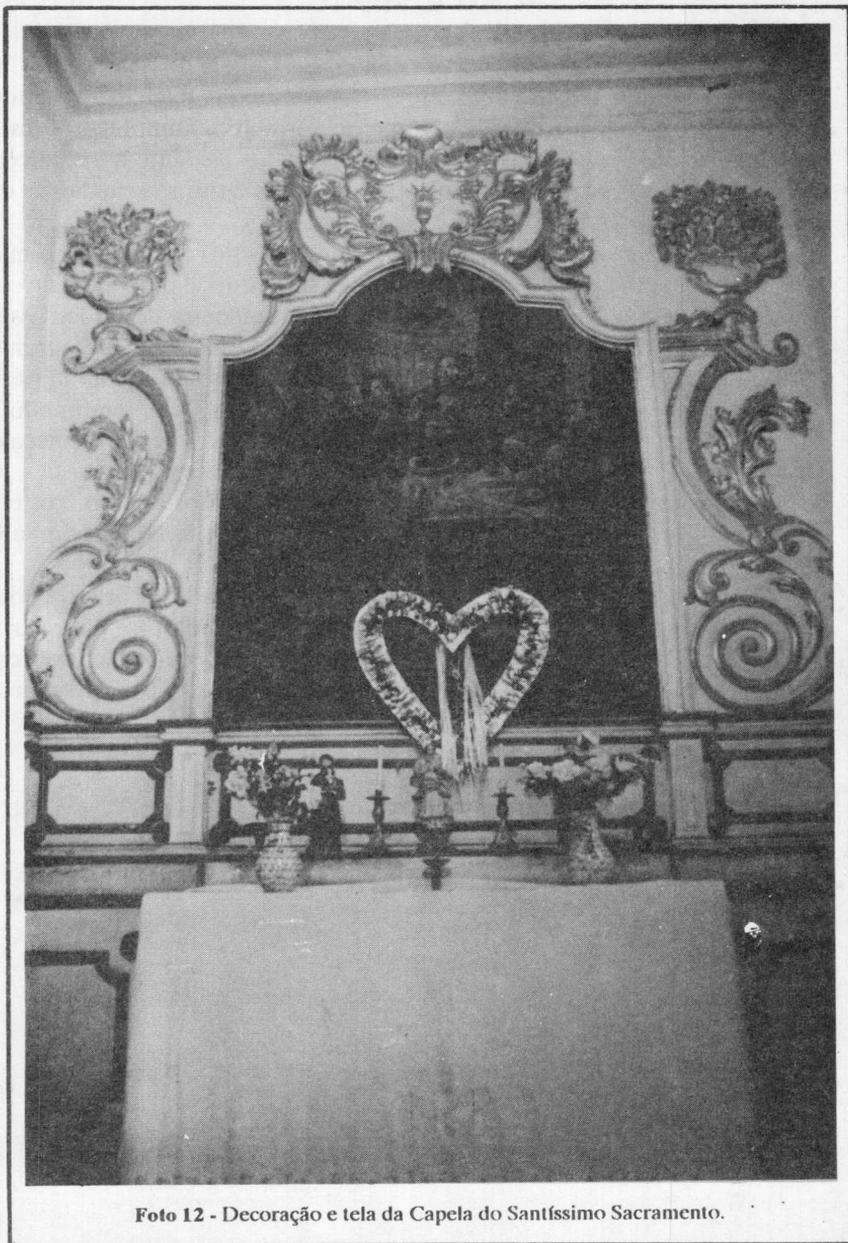


Foto 12 - Decoração e tela da Capela do Santíssimo Sacramento.

IMAGINÁRIA

A arte sacra foi, sem dúvida, a primeira manifestação artística no Brasil, no seu primeiro século de existência, a qual se estendeu aos séculos posteriores. A fé e a religiosidade dos primeiros habitantes, e a vinda de religiosos da corte a serviço da evangelização dos nativos, fizeram com que surgissem no país as primeiras construções rudes de capelas e igrejas, espalhadas por toda a costa brasileira, construções essas que no decorrer dos séculos XVII e XVIII, foram substituídas por volumosos monumentos artísticos, desde a arquitetura e a decoração interna, tais como retábulos, pintura e imaginária.

A devoção do povo pelos seus santos fez com que se esculpisse ou modelassem suas imagens, tanto de culto nas igrejas, como as domésticas.

Algumas de procedência lusitana, principalmente no Nordeste, outras modeladas em terracota, possivelmente por artistas brasileiros, como é o caso de São Paulo, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

“As primeiras imagens, das quais tomamos conhecimento no primeiro século, são modeladas em terracota as de São Vicente, modeladas no barro por João Gonçalves Fernandes”.*

No caso da Igreja do Rosário de Pombal, faremos uma análise iconográfica das imagens ali existentes, a qual possui uma imaginária de boa qualidade, possivelmente datada dos séculos XVIII e XIX.

(*) ETZEL, Eduardo. *Arte Sacra Berço da Arte Brasileira*.

No retábulo mor, encontramos no camarim uma imagem de Nossa Senhora do Bom Sucesso (Foto 13), com bastante repinturas, dificultando a descrição. É uma peça de característica popular refinada, não se sabendo a sua procedência.



Nos nichos, que ficam acima da banquetta do altar, no meio uma imagem de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da igreja, também com várias repinturas, que possivelmente teria uma policromia de boa qualidade, a qual se encontra precisando de restauro, tem características barrocas, possivelmente do final do século XVII, seus cabelos estão a descoberto e o uso do véu nas representações de Nossa Senhora foi a partir do século XVIII (Foto 14).

No nicho do lado da epístola, encontramos uma imagem de Santana Mestra, escultura barroca, com policromia original, em têmpera e folhas de ouro, dando à imagem um requintado grafito e desenhos florais, de autor anônimo do século XVIII (Foto 15).

No lado do evangelho, encontramos a imagem de Nossa Senhora das Dores, bastante interessante pois a mesma tem a mão esquerda em posição de estar com um lenço para enxugar as lágrimas.

Não é muito comum esta posição em escultura, usado geralmente em imagem de roca, ou seja, imagem de roupas de tecido.

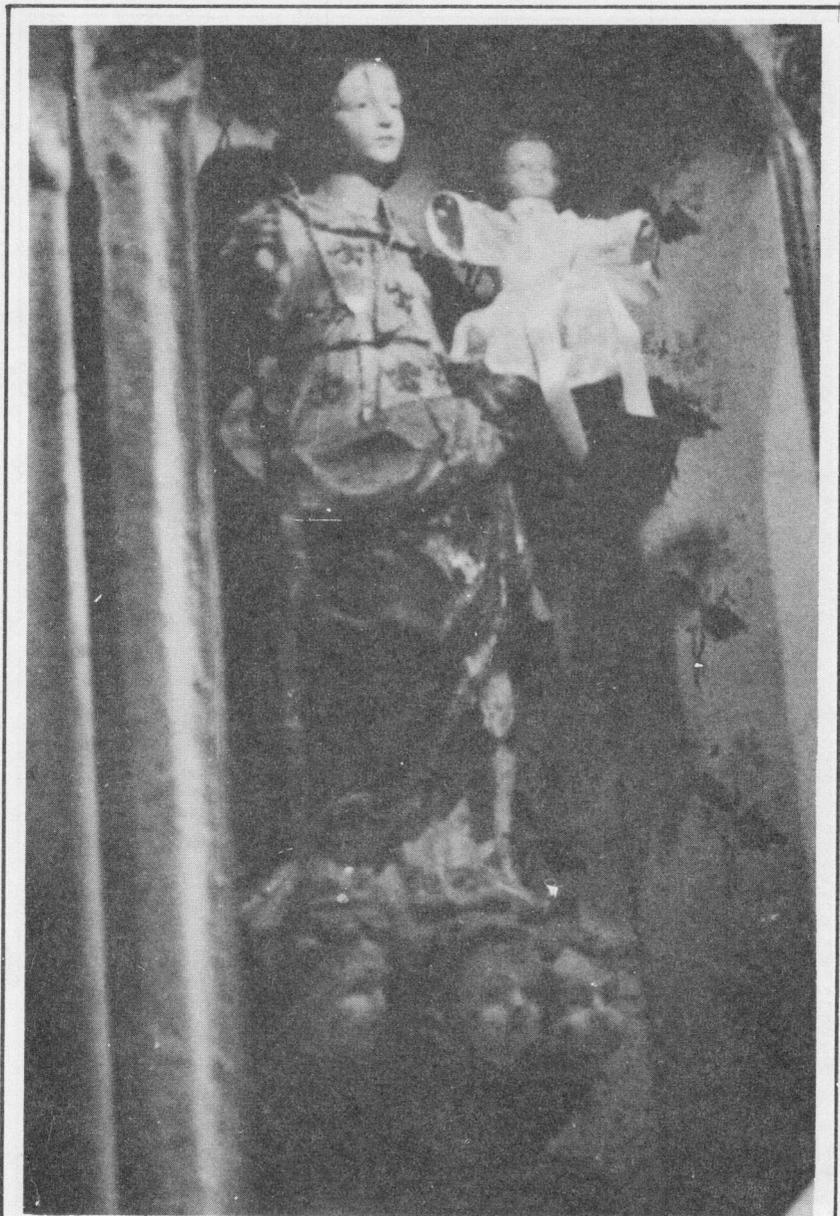


Foto 14 - Imagem de N.S. do Rosário, Padroeira da Igreja.



Foto 15 - Imagem de Santana.

De característica erudita, com estofamento e policromia de excelente qualidade, conservando seu estado original, de autor anônimo do século XVIII (Foto 16).

No cartelão ao lado do evangelho, sobre uma mísula, está a imagem de um santo com roupagem, dominicana, faltando-lhe o atributo da mão direita, dificultando a identificação. A imagem é em madeira policromada com característica erudita, movimentação de penagem em estilo barroco, já no final do século XVIII, possivelmente representa São Gonçalo ou



Foto 16 - Imagem de N. S. das Dores.

São Domingos (Foto 17).



Foto 17 - Imagem de São Gonçalo ou São Domingos.

No cartelão ao lado da epístola, encontramos também sobre uma mísula uma imagem de proporções pequenas de um São Bento, faltando-lhe os atributos. Imagem em madeira com fino entalhe e boa policromia, movimento barroco possivelmente do final do século XVIII (Foto 18).



No retábulo colateral, do lado da epístola, encontramos duas imagens: uma em tamanho razoável, representando São Sebastião, soldado romano que, ao aderir ao cristianismo, foi martirizado, que é representado desnudo, amarrado em tronco de árvore, com várias setas espetadas no corpo, iconografia que vem desde o século XV. A imagem do Santo

desta Igreja, escultura em madeira policromada, de feitura popular bem resolvida, provavelmente do século XIX (Foto 19).

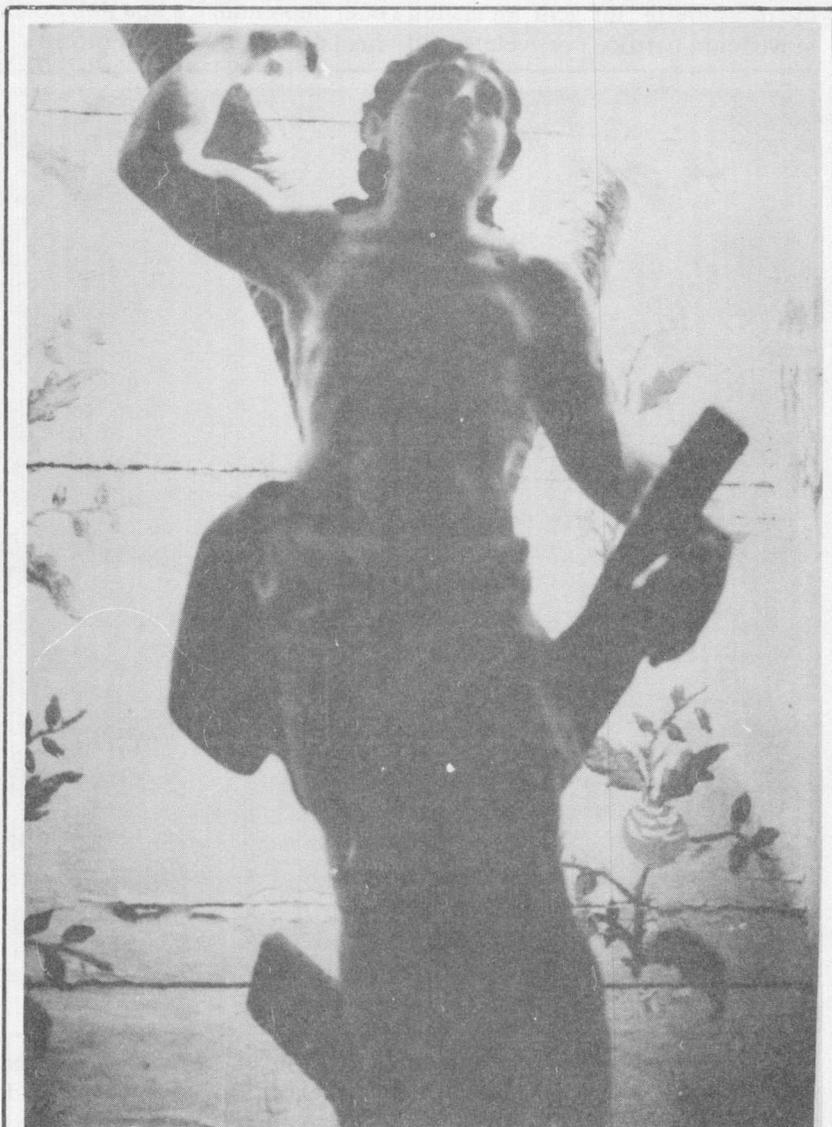


Foto 19 - Imagem de São Sebastião.

A outra imagem, dedicada ao retábulo em menor escala é um São Benedito, santo franciscano da ordem 2ª, de cor negra, protetor dos escravos na América do Sul, e que em alguns casos, conduz o Menino Jesus nos braços. A pequena imagem desta igreja tem característica popular, esculpida em madeira policromada provavelmente do século XIX (Foto 20).



Foto 20 - Imagem de São Benedito.

No retábulo colateral, ao lado do evangelho, é dedicado ao Arcanjo São Miguel, Príncipe dos Anjos, iconograficamente, é representado como um soldado alado, que tem na mão esquerda uma balança para pesar os pecados dos homens.

Na mão esquerda, conduz uma lança que mata o satanás que o Santo está pisando. Geralmente, tem uma inscrição latina **QUIS UT DEUS** na armadura, cuja tradução é **QUEM COMO DEUS**.

A imagem da Igreja do Rosário é uma escultura popular com planejamento erudito, em madeira policromada, provavelmente do final do século XVIII (Foto 21).



Foto 21 - Imagem de São Miguel.

Existem três pequenas imagens sobre a banquetta da capela do Santíssimo Sacramento: Nossa Senhora da Conceição, Santo Antônio, bastante repintadas, dificultando a leitura, tudo faz crer que ambas as esculturas são de feitura popular: a outra, um Santo Amaro, esculpido em madeira e possui uma belíssima policromia e douramento.

CONCLUSÃO

Segundo Germain Bazin, os jesuítas foram os responsáveis pelas construções das igrejas e capelas no interior, onde se encarregaram da catequese dos silvícolas. Não podemos afirmar que a igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal foi erguida pelos padres da Companhia.

No entanto a arquitetura da igreja possui as características das construções jesuíticas de menor porte em várias regiões do Brasil, citando, por exemplo, a Igreja Jesuíta de Anchieta no Estado do Espírito Santo, que são semelhantes, na estrutura arquitetônica, no traçado da fachada e torre (Foto 22).



Foto 22 - Igreja Jesuíta de Anchieta no Estado do Espírito Santo.

Quanto à decoração do interior, já analisamos nos capítulos anteriores, os retábulos em talha de madeira policromada, tipologicamente nos estilos D. João V e rococó, que apesar de ser um trabalho simples, mas com requinte, nos lembra as capelas rurais de outras regiões do país, onde os artesãos regionalizaram o barroco com características baseadas em outras decorações de caráter erudito das igrejas litorâneas.

Detalhe importante, na igreja em estudo, além das características da arquitetura Jesuíta e a imaginária nela existente, são de santos de devoção de outras ordens religiosas.

Portanto, fica a ser estudado, se na região de Pombal os Beneditinos e Jesuítas contribuíram para a formação religiosa dos habitantes, além dos Franciscanos, como cita o historiador Wilson Seixas no seu livro **“Velho Arraial de Piranhas”**, que, apesar dessa afirmativa, a igreja não contém nenhuma característica da ordem de São Francisco.

Concluímos, afirmando que a Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal é um exemplo do Barroco, plantado no Sertão da Paraíba.

NOTAS

- 1 - Na Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Pombal é interessante notar que a imaginária é bastante diversificada. Possui santos das Ordens Beneditina, Franciscana e Dominicana, o que não é comum em igrejas dedicadas à Irmandade do Rosário.
- 2 - As imagens de Nossa Senhora das Dores e Santana são as mais representativas em termos artísticos. A semelhança de tratamentos escultórico e policromia fazem crer que foram executadas pelo mesmo autor.
- 3 - A imagem do cartelão do lado do Evangelho, de roupagem Dominicana, pode ser São Domingos ou São Gonçalo, não identificado por faltar-lhe o atributo (ambos são da Ordem de São Domingos).

Na iconografia de São Domingos, a imagem conduz na mão direita uma cruz, e São Gonçalo um cajado.

GLOSSÁRIO

- **Acrotério** - ponto mais alto de uma contração colocada no frontão. Serve de suporte para a cruz.
- **Altar** - mesa onde é celebrada a missa.
- **Arcaz** - espécie de cômoda com gavetões. Serve para guardar paramentos e outros acessórios religiosos. Geralmente fica na sacristia.
- **Arco Pleno** - o arco que tem o perfil de uma circunferência.
- **Arco Cruzeiro** - arco de entrada da capela-mor.
- **Atributo** - símbolo, insígnia ou qualquer elemento que numa escultura ou pintura serve para identificar determinado santo.
- **Banqueta** - primeiro degrau acima da mesa do altar, onde se colocam castiçais.
- **Batistério** - lugar onde, nas igrejas ou capelas, fica a pia batismal.
- **Capela-mor** - capela principal, onde fica o altar-mor de uma igreja.
- **Camarim** - vão por cima ou na parte interna da do altar-mor, onde geralmente tem o trono. Serve para colocar o Santíssimo Sacramento ou uma imagem.
- **Cartelão** - localizado entre colunas dos retábulos, onde geralmente encontramos as mísulas e dorsel, usado geralmente no período de D. João V.
- **Concha ou rocaille** - objeto ou ornato de feitio análogo à concha.
- **Capitel** - parte superior de uma coluna.
- **Cartela** - superfície lisa, geralmente à imitação de um pergaminho. Serve para gravar uma ornamentação ou ornato.
- **Cantaria** - obra de pedra aparelhada.

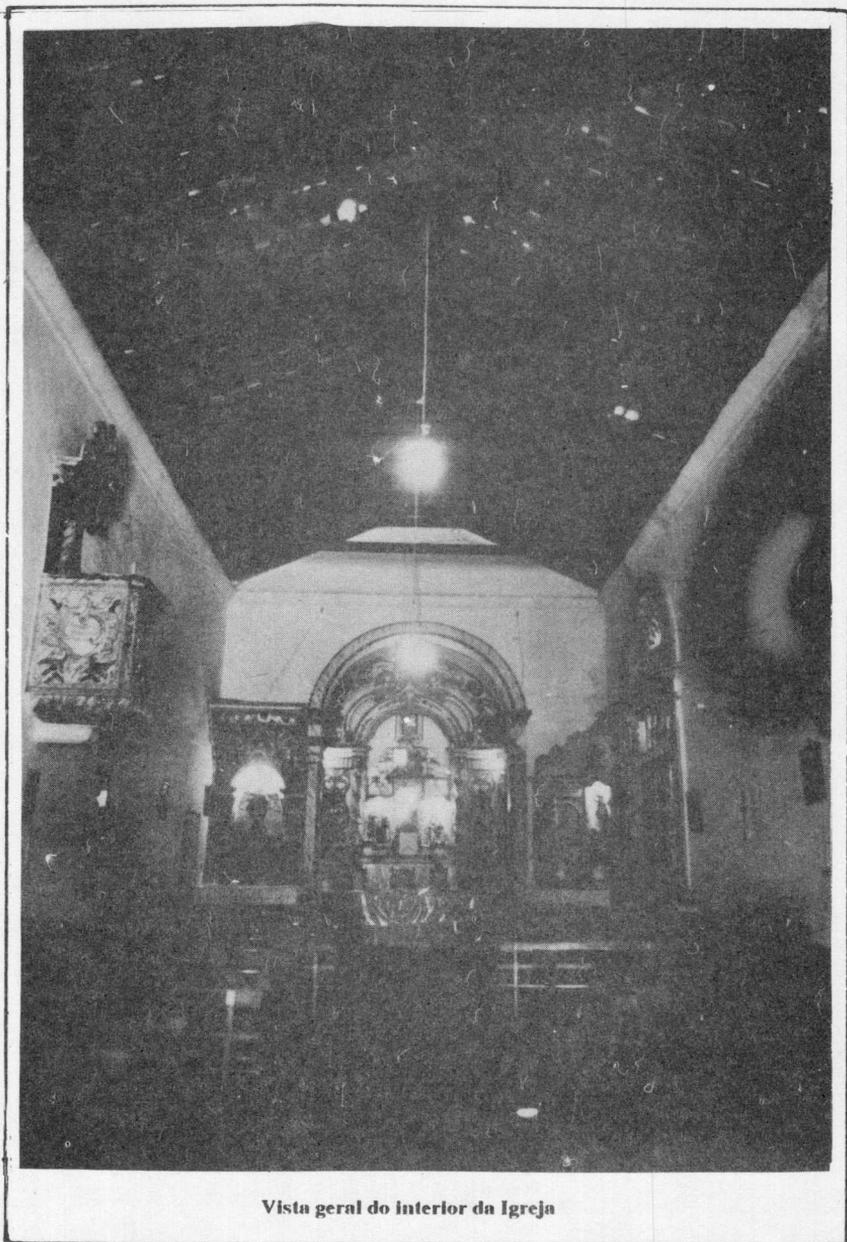
- **Cimalha** - arremate superior da parede que faz o acabamento do forro ou beiral.
- **Coluna**- pilar cilíndrico dividido em base, fuste e capitel.
- **Coroamento** - a parte superior ou arremate geralmente ornado de uma construção ou retábulo.
- **Dossel ou baldaquim** - armação saliente em trabalho de talha, com bordas franjadas, que forma um pequeno teto incorporado ao camarim.
- **Fuste** - parte ou tronco de uma coluna entre a base e o capitel.
- **Frontão** - parte elevada que serve de coroamento do frontispício encimado por cruz.
- **Frontispício** -fachada principal de uma igreja.
- **Folha de acanto** - motivo decorativo geralmente no capitel corinto (forma de folha).
- **Gárgula** - abertura por onde corre a água, em pia ou chafariz (geralmente em forma de carranca ou animal aquático).
- **Imaginária** - conjunto de imagens que constitui o acervo de uma igreja ou museu.
- **Lavabo** - espécie de pia onde o sacerdote lava as mãos. Está localizado na sacristia.
- **Lambrequim** - recortes em madeira que dão o acabamento nos dosseis, espécie de franjas.
- **Mísula** - geralmente usada nos retábulos para colocar imagens; o mesmo que na linguagem popular é conhecido por atagede.
- **Marmorizado** - pintura imitando mármore, usada em madeira ou pedra.
- **Nave** - parte interna da igreja, desde a entrada até o transepto.
- **Nicho** - cavidades nos retábulos ou paredes para colocar imagens.

- **Pináculo ou corucheu** - ornatos executados geralmente em pedra que coroa fachadas.
- **Policromia** - trabalho de revestimento em pintura ou douramento de talha, imagens etc. , em que aparecem duas ou mais cores.
- **Púlpito** - tribunas destinadas nas igrejas às pregações ou sermões dos sacerdotes.
- **Put** - figuras de anjos sem asa.
- **Presbítero** - parte elevada da capela-mor.
- **Retábulo** - estrutura ornamental, em pedra ou talha em madeira, que se eleva na parte posterior do altar.
- **Sanefa** - parte saliente acima de uma porta, janela ou retábulo.
- **Sacrário** - caixa ou vão com porta, quase sempre no centro do altar, onde se guardam as hóstias.
- **Tarja** - peça de pintura, escultura ou talha, quase sempre com ornatos, o mesmo que escudo.
- **Tijoleira** - piso em tijolo aparente.
- **Taça ou bacia** - peça em madeira em pedra, sacada da parede em que se firma o púlpito (semelhante à mísula).
- **Transepto** - galeria transversal que numa igreja separa a nave da capela-mor.
- **Verga** - peça em madeira ou pedra que se apoia nas ombreiras, em portas, janela etc. , para sustentar a parede acima do vão.
- **Vestíbulo** - parte da nave que fica abaixo do coro.
- **Voluta** - ornato enrolado em forma de espiral.

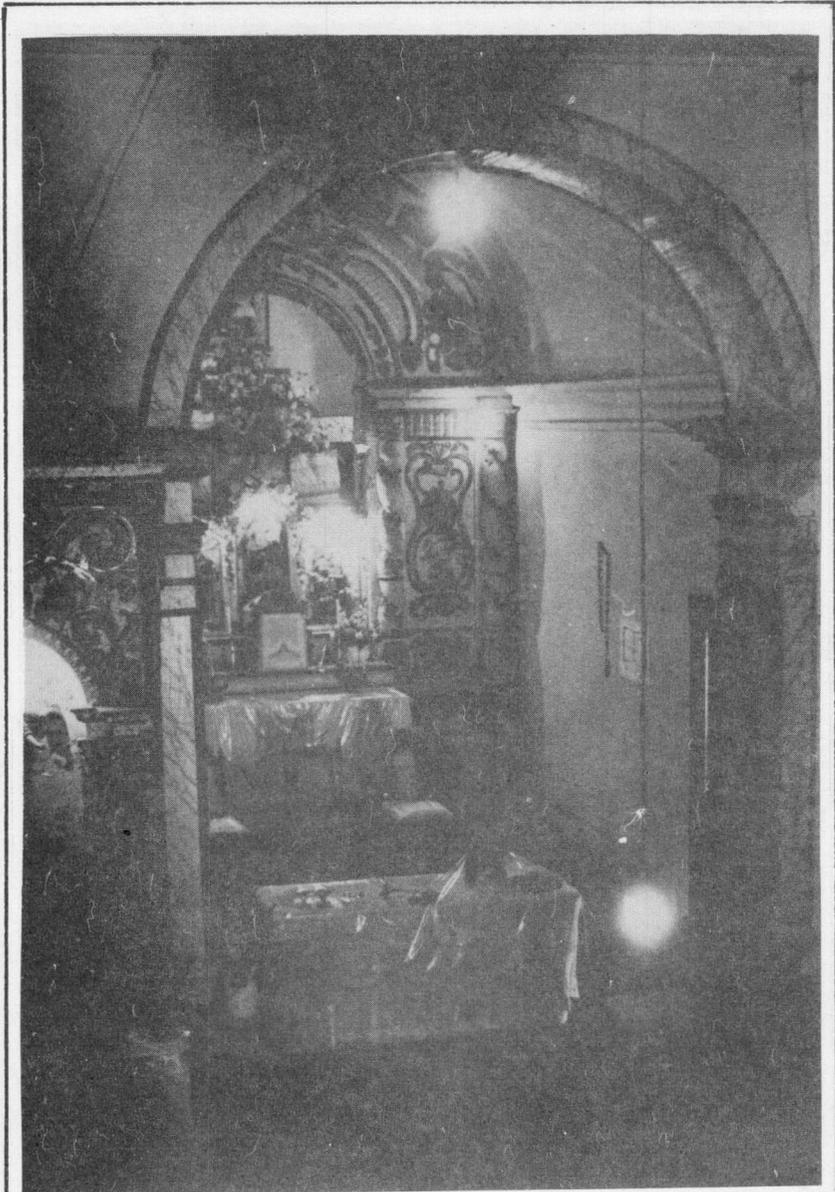
BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. Editora Universitária - UFPB, vols. I e II, 1978.
- ÁVILA, Afonso et alli. **Barroco Mineiro: Glossário de Arquitetura e Ornamentação**. Cia. Melhoramentos de São Paulo: 1980.
- BAZIN, German. **A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil**. Editora Record, 1956.
- BENJAMIM, Roberto. **Festa do Rosário de Pombal**. Editora Universitária - UFPB - Campanha em Defesa do Folclore Brasileiro - SEET-PB, Secretaria de Educação, 1979.
- ETZEL, Eduardo. **Arte Sacra Berço da Arte Brasileira**. Edições Melhoramentos/Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- MACHADO, Maximiano Lopes. **História da Província da Paraíba**. Editora Universitária/UFPB, vols. I e II, 1977.
- MELLO, José Octávio de Arruda et alli (org.). **Capítulos de História da Paraíba**. Texto consultado: GOMES, Simone Queiroga de Castro. **A Igreja do Rosário de Pombal**. Secretaria de Educação da Paraíba/Jornal O Norte, 1977.
- PINTO, Irineu Ferreira. **Datas e Notas para a História da Paraíba**. Editora Universitária/UFPB, vols. I e II, 1977.
- SEIXAS, Wilson Nóbrega. **O Velho Arraial de Piranhas (Pombal)**. Gráfica Imprensa, João Pessoa - PB.
- SOUZA, Antônio José de. **Apanhados Históricos, Geográficos e Genealógico da Grande Pombal**. Pombal: 1971.
- ZANNINI, Walter. **História Geral da Arte no Brasil**. Instituto Walter Moreira Sales. São Paulo.

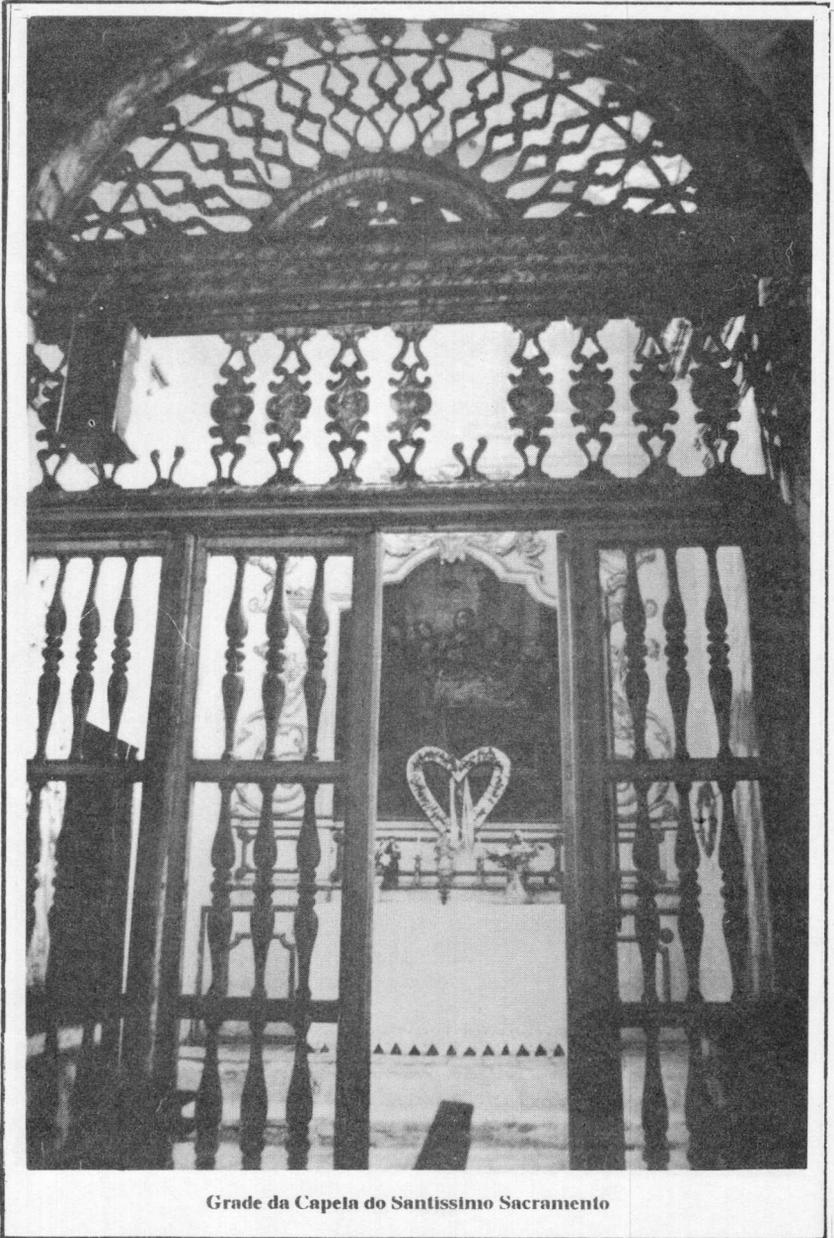
ANEXOS



Vista geral do interior da Igreja



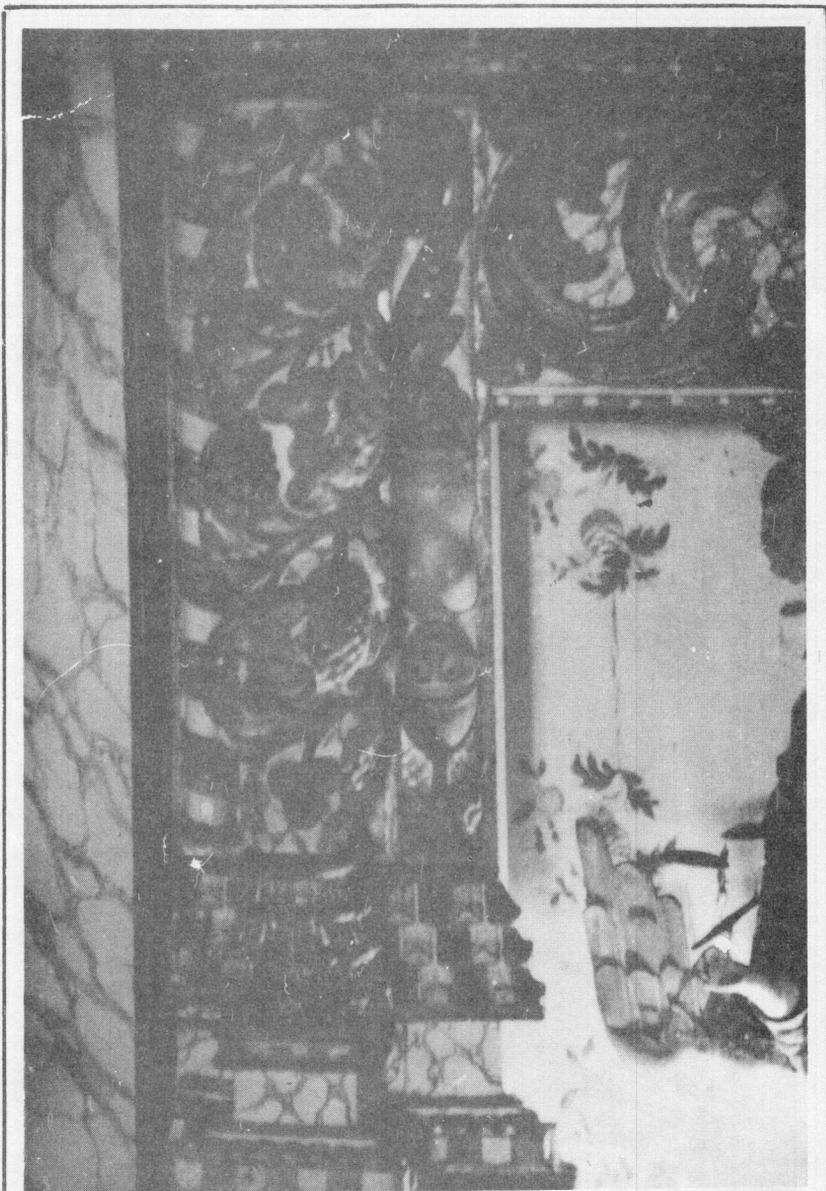
Arco Cruzelro



Grade da Capela do Santíssimo Sacramento



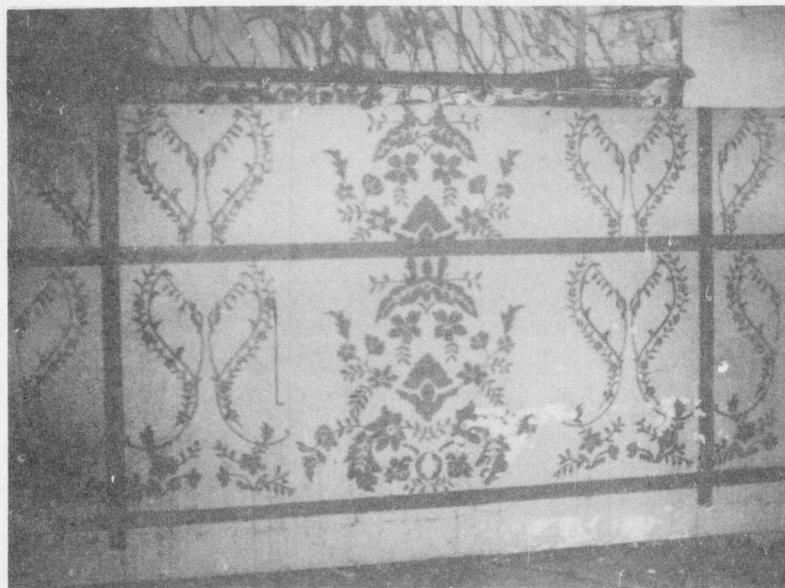
Detalhe da talha e de uma figura com cocar do Retábulo colateral direito.



Detalhe da coluna e quartelão do Retábulo colateral direito.



Sanefa sobre a porta que dá acesso da Capela-Mor à Sacristia.



Pintura primitiva da mesa do altar colateral esquerdo.

programação gráfica MÁRIO TENÓRIO montagem PAULINO (cheque) composição
EMMANUEL LUNA, JOÃO SANTIAGO revisão GENIVALDO, ROSA, TARCÍSIO,
SILVANA fotolito SAULO SIMÕES impressão VILBERTO FERREIRA, JOSÉ AUGUSTO
acabamento GLÓRIA, AYRES, FRANCISCO PAULO, NECO corte JACARÉ



**UFPB/EDITORA
UNIVERSITÁRIA**